

B10 esporte ★ ★ ★ SÁBADO, 3 DE SETEMBRO DE 2016

FOLHA DE S. PAULO

Aline Rocha treina com sua cadeira de corrida para participar da maratona na Paraolimpíada do Rio



EXTENSÃO DO CORPO

Cadeiras de corridas, próteses, handbikes... Em várias modalidades paraolímpicas, o equipamento pode ser tão essencial quanto manter a forma física

SANDRO MACEDO
COLABORAÇÃO PARA A FOLHA

"Superar os limites". A expressão, comum a qualquer prova olímpica, é só parte da equação em várias modalidades paraolímpicas. Além de estarem em forma para a competição, os atletas dependem de uma sintonia fina entre corpo e máquina para alcançarem êxito. "Tudo é feito sob medida e precisa estar bem ajustado, o cockpit, o aro de propulsão", afirma Aline Rocha, 25, sobre a cadeira de corrida que usará na maratona no Rio, que integra os Jogos Paraolímpicos, que acontecem entre os dias 7 e 18 de setembro.

Semelhante a um triciclo alongado, na qual o atleta fica quase ajoelhado, a cadeira tem duas rodas com diâmetro maior atrás e uma menor na frente. "Mas chama cadeira de corrida", corrige Aline, que sofreu uma lesão medular após um acidente de carro aos 15 anos.

Tetracampeã da São Silvestre para cadeirantes, a atleta vai disputar três provas. Apesar de todas as cadeiras terem padrão semelhante (incluindo a dela, uma japonesa), Aline teme a equipe americana, patrocinada pela BMW. "Eles desenvolveram uma cadeira de fibra de carbono para essa equipe. Pode ser que tenham mais tecnologia", observa a paratleta, salientando que não há nada na regra que obrigue os atletas a usarem o mesmo material.

Quem também usará uma cadeira de corridas para tentar o pódio será Ariosvaldo Silva, o Parrê, em sua terceira Olimpíada. Com um oitavo lugar em Pequim-2008 e um quarto em Londres-2012, onde "perdi a medalha por dois décimos de segundo", Parrê espera agora "dar uma subidinha nesse degrau".

Vítima de poliomielite na infância, o corredor até tentou outros esportes, mas acabou "picado pelo atletismo" e descobriu sua vocação com a cadeira de corrida, na qual investiu cerca de R\$ 20 mil. Com ela, vai disputar as provas de 100 m, 400 m e 800 m.

"Quando sento na cadeira, a sensação é de liberdade. Não é desconfortável. Sinto como se ela fosse uma extensão do meu corpo."

CRUZ, COMO JOAQUIM

Aos 39 anos, Ariosvaldo está longe de ser o mais velho a tentar a primeira medalha no Engenhão. Renato Nunes da Cruz, ou só Renato Cruz (como gosta de ser chamado em homenagem a Joaquim Cruz), estreia nos Jogos aos 44 anos de olho no pódio.

A distância também é a mesma, os 100 m, mas o velocista corre em outra classificação, a T44, para atletas com amputação de membros inferiores ou deficiência com limitação semelhante.

"Eles [a organização responsável pela classificação] tentam de alguma forma fazer com que as deficiências sejam as mais próximas possíveis, para dar alguma igualdade. Eu tenho um coto longo, e corro com um cara que tem um coto curto. A alavanca que eu tenho é maior", explica Cruz, que usa uma prótese na perna esquerda.

Seu rival mais famoso é Alan Fonteles, conhecido como o homem que bateu o sul-africano Oscar Pistorius, dono de quatro outros olímpicos. Em Londres-2012, Fonteles venceu Pistorius nos 200 m.

Cruz não acha que pode vencer o brasileiro biamputado, mas reconhece ter vantagem em trecho da prova. "A minha saída costuma ser mais rápida, mas quando pega velocidade, a lâmina dá a ele condição de ser mais veloz."

Então as duas lâminas podem dar vantagem? "Não", desconversa o ex-metroviário, que teve uma amputação traumática quando um motor de trem caiu em seu pé. "Um amputado como eu é o líder do ranking mundial."

Sem rivalizar com Fonteles, Cruz aposta na parceria com o colega para chegar ao pódio no revezamento 4 x 100 m. "Se tudo der certo, a gente pega uma prata", espera. Longe do Engenhão, Jady Malavazzi, 21, compete no ciclismo de estrada com uma handbike, bicicleta de três



Renato Cruz na pista do Centro Paralímpico Brasileiro



Equipe de rúgbi para cadeirantes treina em São Paulo



Jady Malavazzi com sua handbike no Pan de Toronto

CORPO ESTENDIDO

Conheça alguns dos equipamentos paraolímpicos

CADEIRA DE CORRIDA

Feita com uma liga de alumínio leve e resistente, é completamente sob medida, do cockpit ao aro de propulsão, onde o paratleta toca na cadeira. Assemelha-se a um triciclo com duas rodas com diâmetro maior atrás. O paratleta fica meio ajoelhado durante a corrida

PRÓTESES

As próteses do atletismo são feitas com uma lâmina com uma angulação que lhe dão um empuxo, esse "efeito mola" é ideal para atletas de provas de velocidade (100 m, 200 m e 400 m), mas não é indicada para provas mais longas

CADEIRA DE RODAS

Com as rodas mais anguladas do que em uma cadeira comum, as cadeiras do basquete são de formato padronizado e têm o quadro de uma liga leve de alumínio e outras duas rodinhas na dianteira. As do rúgbi também têm juntas reforçadas e um tampão lateral de policarbonato para aguentar as pancadões; algumas são feitas de fibra de carbono

HANDBIKE

Bicicleta com três rodas na qual os atletas usam as mãos para "pedalar". Paraplegicos sem o controle do tronco correm praticamente deitados, em posição paralela ao chão. Sistemas de câmbio e freios são instalados em manivelas. As handbikes mais modernas são feitas de fibra de carbono

rodas que deixa o corpo deitado, paralelo ao chão, na qual os atletas usam a mão para "pedalar". Após o acidente de carro que a deixou paraplegica, a jovem tentou outros esportes, até usar uma handbike emprestada, em 2010.

"A sensação era muito boa, meio que uma bicicleta para crianças", lembra. A brincadeira ficou séria e a paranaense é top 10 do mundo.

Com uma handbike fabricada na Suíça, ela avisa que o esporte não é dos mais baratos para quem quiser se aventurar. "O paraciclismo depende muito do equipamento. E é tudo muito caro, tudo importado, inclusive peça de reposição."

PORRADARIA

A delicadeza da handbike parece distante da cadeira de rodas do rúgbi. Ao contrário das cadeiras de outras modalidades, a do rúgbi é feita literalmente para aguentar porrada. Como no esporte convencional, os "tackles" fazem parte da regra.

Curiosamente, apesar da aparente violência, o rúgbi é dedicado a atletas mais comprometidos, com pelo menos três membros afetados, como Alexandre Giuriato.

"Tive dois acidentes, primeiro, na mão, um ano depois fiquei paraplegico após uma batida de carro", conta. Praticante de futebol-amador, Giuriato tentou o basquete para cadeirantes, mas o problema na mão o deixava desnivelado em relação aos colegas. No rúgbi, se encontrou.

Na seleção ele joga ao lado de Lucas Junqueira, que teve uma fratura na quinta vértebra da coluna após um mergulho em águas rasas. "Bati num banco de areia."

As histórias podem parecer tristes, mas Lucas gosta de acrescentar que escolheu a modalidade, entre outras coisas, porque "tira esse estereótipo de coitadoinho".

Giuriato faz coro: "É contato, é porrada para todo lado. Me sinto livre na cadeira, a sensação é a mesma de quando jogava futebol, só substituí um esporte pelo outro", afirma o atacante.